



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III- GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**MAGDA DA SILVA RODRIGUES**

**CADA PORTA UMA COR: A (RE) CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS DE  
VIVÊNCIAS EM “CORDA BAMBA”, DE LYGIA BOJUNGA**

**GUARABIRA/PB**

**2019**

**MAGDA DA SILVA RODRIGUES**

**CADA PORTA UMA COR: A (RE) CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS DE  
VIVÊNCIAS EM “CORDA BAMBA”, DE LYGIA BOJUNGA**

Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Literatura infantil e juvenil.

Orientadora: Dra. Rosângela Neres de Araújo da Silva.

**GUARABIRA/PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696c Rodrigues, Magda da Silva.

Cada porta uma cor [manuscrito] : a (re)construção das memórias de vivências em "Corda Bamba", de Lygia Bojunga / Magda da Silva Rodrigues. - 2019.

35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Memória . 2. Literatura Infantil. 3. Literatura Juvenil. 4. Lygia Bojunga. I. Título

21. ed. CDD 808.068

**MAGDA DA SILVA RODRIGUES**

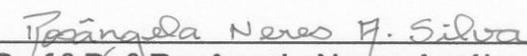
**A (RE) CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS DE VIVÊNCIAS EM “CORDA BAMBA”,  
DE LYGIA BOJUNGA**

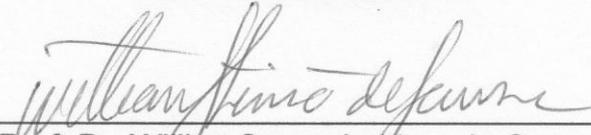
Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura  
Plena em Letras Português, da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento às  
exigências para obtenção do grau de  
Licenciada em Letras.

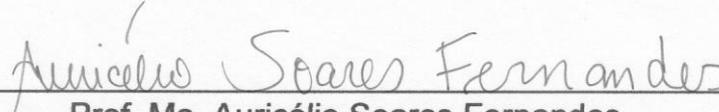
**Área:** Literatura Infantil e Juvenil

Aprovado em: 27/11/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva  
UEPB – Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa  
UEPB – Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes  
UEPB – Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela realização de mais uma conquista.

Agradeço a minha Mãe pelos sacrifícios que sempre fez por mim em todos os momentos da minha vida, pelo amor e pelo apoio incondicional em tudo.

Agradeço a meu Pai Antônio por me ensinar sobre os caminhos corretos, por sempre aprender lições valiosas da vida.

Agradeço a meu Marido Pedro George, por estar sempre ao meu lado, por me apoiar em continuar os estudos e nunca me deixar desistir de seguir em frente, por me suportar nos momentos de estresse dessa jornada.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação, desde as primeiras letras até a conclusão deste curso, em especial a Professora Rosângela Neres por me orientar na realização deste trabalho.

Agradeço a meu filho Gustavo, pelo amor e pelo carinho, que me dá força para continuar.

Agradeço as minhas irmãs, Mayrla e Manir, pela família ser a base de tudo.

*O objetivo da arte não é representar a aparência exterior das coisas, mas o seu significado interior.*  
- Aristóteles

## RESUMO

A literatura infantil e juvenil é a porta de entrada para o mundo encantador da imaginação, e muitas vezes nossa primeira forma de contato com literaturas que marcam nossa vida. Através das mudanças que a literatura infantil e juvenil vem adquirindo ao longo do tempo podemos observar nas obras sua evolução através dos clássicos aos contemporâneos. Nessa linha de raciocínio apresentamos uma análise interpretativa da obra *Corda Bamba* de Lygia Bojunga, através do desenvolvimento emocional da personagem principal e sua busca pela reconstrução de suas memórias, através de uma narrativa simples com assuntos que permitem ao leitor uma identificação com suas vivências pessoais. O objetivo desse trabalho é mostrar não só a importância da literatura infantil e juvenil, como também evidenciar na análise interpretativa o desenvolvimento de uma personagem que se reúne requisitos para ser uma representação de mundo como define Colomer (2017), em funções da literatura infantil e juvenil. Para fundamentar teoricamente esse trabalho utilizamos os estudos de Coelho (2000), Colomer (2017), Lajolo e Zilberman (2011), Heller (2013), entre outros autores. Justificamos a escolha do objetivo desse trabalho pela necessidade de evidenciar a literatura infantil e juvenil como bússola norteadora para leitura, e como sinônimo de representação de mundo através da resignificação dos traumas e da busca pelo equilíbrio da personagem principal. Relacionamos através da reconstrução das memórias da personagem principal como as cores influenciam sentimentos e emoções a medida que ela alcança as portas da sua imaginação.

**Palavras-chave: Memória. Literatura infantil e juvenil. Lygia Bojunga.**

## **Abstract**

Children's and youth literature is the gateway to the enchanting world of imagination, and often our first contact with literatures that mark our lives. Through the changes that children's and youth literature has been acquiring over time we can observe in its works its evolution through the classics to the contemporaries. In this line of reasoning we present an interpretative analysis of Lygia Bojunga's *Corda Bamba*, through the emotional development of the main character and her search for the reconstruction of her memories, through a simple narrative with subjects that allow the reader to identify with her personal experiences. The aim of this paper is to show not only the importance of children's and youth literature, but also to highlight in the interpretative analysis the development of a character that meets the requirements to be a representation of the world as defined by Colomer (2017), in the functions of children's literature and juvenile. To theoretically support this work we use the studies of Coelho (2000), Colomer (2017), Lajolo and Zilberman (2011), Heller (2013), among other authors. We justify the choice of the objective of this work by the need to highlight the children's and youth literature as a guiding compass for reading, and as a synonym for representation of the world through the resignification of trauma and the search for balance of the main character. We relate through the reconstruction of the main character's memories how colors influence feelings and emotions as she reaches the gates of her imagination.

Keywords: Memory. Children's and youth literature. Lygia Bojunga.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: DO CLÁSSICO À MODERNIDADE .....	11
2.1 LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DO TEMPO E DO ESPAÇO.....	13
2.2 IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E SUAS FUNÇÕES..	16
3 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS: DESCORTINANDO O IMAGINÁRIO.....	19
3.1A PERSONAGEM FEMININA NAS NARRATIVAS INFANTIS E JUVENIS.....	21
3.2 FASES DE AMADURECIMENTO DO LEITOR.....	22
4 MARIA E SUAS MEMÓRIAS DE VIVÊNCIAS EM “CORDA BAMBA”.....	25
4.1 BREVE BIOGRAFIA DE LYGIA BOJUNGA NUNES.....	25
4.2 RESUMO DA OBRA “CORDA BAMBA” (1979).....	26
4.3 A RECONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS DE MARIA E A INFLUÊNCIA DAS CORES NAS SUAS MEMÓRIAS.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentaremos uma análise interpretativa da reconstrução das memórias da personagem principal, Maria, na obra literária *Corda Bamba*, da autora Lygia Bojunga, buscando através das vivências de Maria a trajetória da personagem no resgate e superação de seus traumas infantis, chegando ao equilíbrio para dar seguimento a sua vida.

Diante desta proposta interpretativa, também relacionamos a importância da literatura destinada ao público infantil e juvenil, como fonte inspiradora e condizente com todas as funções atribuídas a literatura infantil e juvenil descritas por Colomer (2017), principalmente como representação do mundo do qual fazemos parte e podemos observar através das obras literárias.

Apresentamos a literatura infantil e juvenil resumidamente através do tempo, do clássico ao contemporâneo, para compreender como o seu desenvolvimento é importante para as novas gerações, uma literatura direcionadora para um público em desenvolvimento emocional, e em construção de personalidade.

A vivência de traumas infantis é infelizmente uma questão ainda presente em nossa sociedade, não podendo ser desassociada a aprendizagem e ao amadurecimento da mesma, sendo perceptível na escrita de Lygia Bojunga de uma forma leve e encantadora de assuntos delicados, identificando em Maria, uma criança que apesar de tudo o que viveu, busca equilibrar-se nas emoções e manter-se firme na corda imaginária de seus sentimentos.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente, a introdução, seguido do capítulo *Literatura infantil e juvenil: do clássico à modernidade*, no qual discorreremos sobre o surgimento da literatura infantil e juvenil e seus autores clássicos, sua importância e as suas funções, seguindo o capítulo *A Narrativa para crianças e jovens: descortinando o imaginário*, no qual discorreremos sobre as primeiras obras destinadas ao público infantil e juvenil e o desenvolvimento dessa literatura através da recriação de clássicos, a personagem feminina e sua evolução na narrativa, as fases de amadurecimento dos leitores, e o capítulo de análise, no qual discorreremos sobre a autora em uma breve biografia, o resumo do livro, e a reconstrução das memórias de vivência de Maria. Por fim, as considerações finais, nas quais fazemos uma reflexão baseada na análise interpretativa e na motivação para realizar este trabalho.

## 2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: DO CLÁSSICO À MODERNIDADE

A literatura infantil desponta em sua criação literária escrita em um momento histórico, social e econômico no qual existe a necessidade de uma representação do modo de comportamento das crianças, e mais especificamente servindo de objeto essencial na educação, o que atribui aos textos um caráter didático, e continua até hoje cumprindo o papel de formador e transformador de perspectivas na vida do leitor.

O esboço de uma literatura infantil surgiu primeiramente através das narrativas orais, o hábito de contar histórias é bastante antigo, não se pode afirmar precisamente em que local e quando originou-se de fato, apenas podemos dizer que essas narrativas orais tornaram-se populares pelo seu caráter de aguçar a imaginação, geralmente eram inspiradas ou concebidas no folclore e espalhavam-se por diversas partes do mundo, através dos contadores de histórias e ganhavam características distintas da região em que surgiam.

Apesar da grande aceitação junto ao público infantil, essas narrativas orais não eram totalmente aprimoradas, ou voltadas para um público infantil, pois eram contadas sem levar em consideração a capacidade de entendimento das crianças em certas situações, ainda em construção de personalidade.

As crianças nesse momento histórico da humanidade não recebiam um tratamento diferenciado, ou mesmo adequado as suas necessidades, as suas percepções sobre o mundo, aos perigos que as cercavam. Essa transformação de literatura popular para infantil é explicada nas palavras de Coelho (2000):

Ao seguirmos o percurso histórico das histórias infantis que vieram do passado, deparamos com o fato de que, em suas origens, elas surgiram destinadas ao público adulto, e com o tempo, através de um misterioso processo, se transformaram em literatura para os pequenos (COELHO, 2000, p.40)

A explicação do surgimento da literatura totalmente pensada para um público infantil, encontra-se em Literatura Infantil Brasileira de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2011), no qual demonstram uma trajetória histórica das motivações que levaram ao surgimento de uma literatura que direcionasse as crianças: no século XVIII, devido a mudanças num âmbito social e econômico, um novo olhar é lançado aos integrantes da sociedade, mais propriamente a criança, que passa a ser um alvo do mercado capitalista, sendo importante destacar que a escola não detinha nesse

momento histórico um papel fundamental na vida das crianças, sendo na maioria dos lares tida como dispensável, isso teve uma profunda mudança, pois era necessário que as crianças aprendessem a se comportar diante do novo mundo que nascia com a industrialização, afinal ela seria uma mão de obra e também consumidora do material produzido pelo capitalismo.

A literatura infantil surge em um segundo momento, também da necessidade da burguesia em se consolidar num espaço reconhecido diante da sociedade, na época de seu surgimento como camada social, ou seja, caberá ao personagem das histórias infantis a partir daí dentro da literatura infantil, ser identificado como fruto da sociedade, também havia outra questão nas entrelinhas, na qual o capitalismo teria que ganhar sua parcela, e nada melhor que colocar a criança como alvo naquele momento.

Sendo os livros infantis vistos como mercadorias, percebemos aqui que o interesse burguês não se detinha em se estabelecer apenas política e ideologicamente tendo seu espaço como classe social, existia também o intuito do crescimento financeiro, claramente essas características permanecem até hoje sendo o livro destinado ao público infantil e juvenil uma grande parcela da literatura consumida no país, não apenas pelo caráter literário em si, mas na questão do ensino de uma forma geral nas escolas.

O fato da burguesia ter ascendido economicamente não lhe permite um espaço reconhecido e respeitado por classes já existentes como nobreza e clero, surge daí o desejo de ascender também socialmente, e para isso cria-se uma oportunidade, a de incentivar instituições a trabalhar em seu favor, de forma a demonstrar seus valores, seu cotidiano, suas formas de pensar, podendo claramente ser melhorada a visão sobre si mesmos, afim de atingir sua meta, de serem aceitos como parte influente socialmente, na literatura pode-se utilizar esse efeito mágico de manipular a visão dos outros e até de nós mesmos, e isso foi e continua sendo muito bem utilizado nos livros, como transparece nas palavras de Lajolo e Zilberman (2011)

Outras características complementam a definição da literatura infantil, impondo sua fisionomia. A primeira delas dá conta do tipo de representação a que os livros procedem. Estes deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo. Em outras palavras, não se trata necessariamente de um espelhamento literal de uma dada realidade, pois como a ficção para crianças pode dispor com maior liberdade da

imaginação e dos recursos da narrativa fantástica, ela extravasa as fronteiras do realismo. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2011, p.19)

A literatura infantil e juvenil surge e desenvolve-se servindo a um propósito, para Lajolo e Zilberman (2011) as narrativas demonstram como podemos ser representados, não deixando de lado elementos que não fazem parte do real, com o objetivo de despertar o imaginário.

## 2.1 LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DO TEMPO E DO ESPAÇO

As primeiras narrativas registradas são as fábulas (narrativas em que os animais são personagens imitando ações humanas, e tem o objetivo de transmitir moralidade), surgiram no anonimato e se propagavam a medida em que se popularizavam, com o passar do tempo essas fábulas eram reinventadas por vários autores, como Esopo (Séc. VI a.C.), Fredo (séc. I a.C.), Leonardo Da Vinci (séc. XVI).

Através dos séculos as fábulas sempre ressurgiam, assim um século antes do aparecimento da burguesia na Europa, por volta do século XVII, La Fontaine entre os anos de 1668-1694 reinventa mais uma vez as fábulas como “A cigarra e a formiga”, “O lobo e o cordeiro” entre outros, anos depois François Fenélon (1651-1715), publica “Fábulas” e “As Aventuras de Telêmaco”, De L'éducation des filles (“Da educação das meninas). Esses textos tinham o objetivo de educar primeiramente, ensinar uma lição para seus leitores e despertar seu interesse, como podemos observar nas palavras de Coelho (2000):

a literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor especial, a *seres em formação*, a seres que estão passando pelo *processo de aprendizagem* inicial da vida. Daí o *caráter pedagógico* (conscientizador) que, de maneira latente ou patente, é inerente à sua matéria e também ou *acima de tudo*, a necessidade em seu caráter lúdico. (COELHO, 2000, p.164)

As fábulas nesse momento apresentavam a melhor forma de iniciar um sistema de educação originando-se na moralidade, no qual levava a criança a um sistema de regras criados pela sociedade e para seu próprio benefício, apresentando o modo de comportamento adequado em determinadas situações, e além disso apresentavam o caráter lúdico, ou seja, despertava o interesse das

crianças pelo divertimento, o uso da imaginação, retirava o ser humano de situações difíceis e colocava animais assumindo posturas que demonstram o certo e o errado.

Depois de La Fontaine e Fenélon, surgiram as primeiras literaturas popularizadas e a preferência pelo conto de fadas. O escritor Charles Perrault foi o responsável pela grande repercussão da literatura infantil, pois ao final da vida decide registrar as histórias que ouvia de sua mãe, as histórias vindas das narrativas orais agora ganhavam uma forma de eternizar-se no tempo através da escrita de Perrault, e os contos de fada começam a se destacar como literatura predileta no universo infantil e juvenil, sendo constantemente recriados e aperfeiçoando-se a contemporaneidade em que são escritos.

Intitulando seus escritos de “Contos da mamãe gansa”, Perrault reúne nesse livro histórias que ganharam notoriedade por todas as partes do mundo como: “Chapeuzinho Vermelho”, “O Gato de Botas”, “A Bela Adormecida”, entre outras, que até hoje continuam sendo referências de histórias para crianças, e fazendo parte da recriação de leituras para jovens na contemporaneidade.

Já no de final de 1812, os irmãos Grimm: Jacob Ludwing Carl Grimm e Wilhelm Carl Grimm começam a publicação de livros como resultado de suas pesquisas da tradição oral da região alemã, intitulado “Kinder-und Hausmärchen” (Contos de Fadas para o Lar e as Crianças). As histórias ganharam versões diferentes daquelas já conhecidas sendo escritas por Perrault e outros autores, e estavam mais aproximadas ao conto de terror do que ao conto de fadas, apresentando as vezes finais trágicos para personagens. Entre os contos publicados estão: “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “A Gata Borralheira”, “Branca de Neve”, “Rapunzel”, “A Pastora de Gansos”, “João e Maria”, “A Mão Com a Faca” e “A Chave Dourada”.

Nos anos que se seguiram surge Hans Christian Andersen na literatura infantil, entre os anos de 1835 e 1872 ele publica livros, os quais acrescentaria mais uma perspectiva dos contos de fada, dando a eles características que cada vez mais agradava ao público porque suas histórias se assemelhavam a questões voltadas para o social, escrevia contos oriundos da tradição popular, entre suas publicações estão “O Patinho Feio”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Pequena Sereia” entre outras.

No Brasil a literatura destinada ao público infantil surge bem mais tarde em relação a Europa, já no final do século XIX com adaptações e traduções dos autores

já mencionados anteriormente como Perrault, Grimm, Andersen entre outros, os responsáveis por essas adaptações e traduções são primeiramente Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel.

Só a partir de 1921, Monteiro Lobato inaugura a literatura brasileira infantil com sua obra “Narizinho Arrebitado”, dá início a uma produção literária voltada especificamente ao público infantil, devido à falta de livros que estivessem de acordo com o universo das crianças e jovens brasileiros, obras que realmente tivessem a perspectiva de desenvolver o interesse pela leitura com características mais aproximadas a realidade da vivência de nossas crianças, e não apenas modelos europeus em suas adaptações e traduções.

Nos anos que seguiram houve um crescimento substancial de autores e obras propriamente brasileiras nas quais podemos observar nas palavras de Lajolo e Zilberman (2011):

Alguns recorreram ao folclore e às histórias populares: José Lins do Rego publicou as Histórias da Velha Totônia (1936), Luís Jardim, O boi aruá (1940), Lúcio Cardoso, Histórias da Lagoa Grande (1939), Graciliano Ramos, Alexandre e outros heróis (1944). Outros criaram narrativas originais, como Érico Veríssimo, em As Aventuras do avião Vermelho (1936), ou de novo Graciliano Ramos, em A terra dos meninos pelados (1939). (LAJOLO e ZILBERMAN, 2011, p. 47)

Adquirindo características nacionais, a literatura infantil brasileira continua sua produção, tornando-se cada vez mais presente e ganhando características adequadas para cada fase de desenvolvimento da criança, até sua fase de domínio da leitura e entendimento de temas mais complexos tornando-se assim em literatura infantil e juvenil, pois em um primeiro momento não havia uma literatura pensada a atender as expectativas de determinadas idades. O que se explica nas palavras de Colomer (2017):

as formas dos livros respondem assim ao que a sociedade acredita que seja compreensível e adequado para as crianças nos diferentes momentos de seu desenvolvimento pessoal e literário. Embora, naturalmente, estas suposições sociais não sejam estatísticas e estejam sempre submetidas a tensões. (COLOMER, 2017, p. 29)

Depois de toda trajetória que a literatura para crianças e jovens percorreu até sua consagração nos dias atuais no Brasil, hoje contamos com grandes nomes para representar essa literatura, os autores e suas respectivas obras de maior destaque

na literatura infantil: Cecília Meireles: *Ou Isto ou Aquilo* (1964), Pedro Bandeira: *O Fantástico Mistério da Feiurinha* (1986), Ruth Rocha: *Marcelo, Marmelo, Martelo* (1976), Ana Maria Machado: *Bisa Bia Bisa Bel* (1981), Lygia Bojunga: *A bolsa amarela* (1976), Ziraldo: *O menino maluquinho* (1980), Lúcia Fagundes Teles: *As meninas* (1973), Marina Colasante: *Uma ideia toda azul* (1979).

## **2.2 IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E SUAS FUNÇÕES**

Ao aprofundarmos nosso olhar para a literatura, em especial a literatura infantil e juvenil, estamos fazendo com que a vida das personagens seja um exemplo palpável e significativo para ser utilizado como experiência de vida, embora que alheia, com grande possibilidade do real, no mundo do qual fazemos parte, tornando-nos sabedores de mundo distintos, conhecedores mutáveis da nossa própria realidade, tendo em mente que a leitura funciona como uma chave para abrir as portas do entendimento cultural.

Ser leitor é uma opção, e essa opção deve ser dada a criança bem antes de ela ter aprendido a ler, haja vista que o processo de relação com a leitura seja feito com alicerce sólido do exemplo, a medida que alguém se dispõe a mostrar, a ler um livro, apresentar o universo da leitura, para que desse modo ao longo da vida exista a opção de ser um leitor ou não, afinal, ler não pode ser uma obrigação, pois perderia seu sentido mais relevante como arte, o prestígio em simplesmente existir, ser algo admirável.

A oportunidade apresentada nos primeiros anos de vida faz com que essa possibilidade exista com mais poder de decisão na vida das crianças e jovens, levando em consideração as pessoas que tiveram contato muito tardio com o universo literário, talvez assim, não desenvolvendo totalmente o interesse em ler, ou até mesmo ter a concepção de que a literatura não é fundamental a vida em um ponto de vista mais restrito, na vida em sociedade, pois existem muitos analfabetos funcionais, ou não, que cumprem as tarefas sociais de modo dinâmico e sem uso da literatura.

A literatura infantil e juvenil é a porta de entrada para o mundo da leitura, o material primordial da construção que envolve linguagem, conhecimento de mundo, imaginação e memória, contribuindo para a formação efetiva de leitores de uma

forma muito mais ampla, visto que ocupa uma posição de objeto educativo, culturalmente significativo para a formação de seres pensantes, como instrumento de entretenimento, como uma arte de expressão humana.

Felizmente essa literatura atinge muito mais do que o público ao qual se destina, sendo capaz de conquistar e encantar também os adultos. Através do pensamento de Coelho (2000) entendemos melhor a responsabilidade da literatura infantil e como resiste a tecnologia de mídias visuais:

É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens. Apesar de todos os prognósticos pessimistas, e até apocalípticos, acerca do futuro do livro (ou melhor, da literatura), nesta nossa era da imagem e da comunicação instantânea, a verdade é que a *palavra literária escrita* está mais viva do que nunca...E parece já fora de qualquer dúvida que nenhuma outra *forma de ler o mundo dos homens* é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite. (COELHO, 2000, p. 15)

Nessa perspectiva, podemos pressupor que a literatura infantil e juvenil é de suma importância como parte integrante da bagagem cultural e também afetiva do leitor, desenvolvendo até mesmo sua personalidade, enquanto este, está em pleno amadurecimento social em sua vida. Como podemos observar as palavras de Colomer (2017), mostra-nos que a influência da literatura:

permite estabelecer uma visão distinta sobre o mundo, pôr-se no lugar do outro e ser capaz de adotar uma visão contrária, distanciar-se das palavras usuais ou da realidade em que alguém está imerso e vê-lo como se o contemplasse pela primeira vez. (COLOMER, 2017, p.21)

A motivação de que os livros infantis e juvenis existam continua sendo que seu principal objetivo seja direcionar o pensamento das crianças principalmente no que diz respeito a seu comportamento, sua visão sobre o mundo e suas escolhas, isso também se confirma na divisão das três funções da literatura para crianças e jovens que nos é apresentada por Colomer (2017):

1. Iniciar o acesso ao imaginário compartilhado por uma determinada sociedade.
2. Desenvolver o domínio da linguagem através das formas narrativas, poéticas e dramáticas do discurso literário.
3. Oferece uma representação articulada do mundo que sirva como instrumento de socialização das novas gerações. (COLOMER, 2017, p.20)

Iniciar o acesso ao imaginário coletivo nada mais é que usar, de forma recorrente imagens e temas, que com o passar do tempo já estão consolidados, hoje um exemplo que percorre do clássico ao contemporâneo é o arquétipo (imagem, símbolo ou figura comum em todas as partes do mundo) da princesa nos contos de fadas.

Essa comparação pode ser feita comparando duas narrativas, no clássico: Cinderela, de Charles Perrault e no contemporâneo: Um par de tênis novinho em folha, de Pedro Bandeira, através dos quais podemos identificar histórias que assemelham-se. As palavras de ZILBERMAN (2014) reforçam a primeira função da literatura infantil e juvenil nos dada por Colomer,

Os contos de fadas acabam por reforçar a autoimagem do leitor, colaborando para seu crescimento interior e autonomia, o que justifica não apenas a popularidade que detém até nossos dias, como também a permanência das figuras principais, convertidas, de certo modo, em símbolos de comportamento e ideias, ultrapassando portanto, o âmbito primeiro dentro do qual foram criadas. (ZILBERMAN, 2014, p.92)

A segunda função da literatura infantil e juvenil, no que diz respeito ao desenvolvimento do domínio da linguagem, é cumprida por todos os livros destinados as crianças e jovens, de certa forma, pois, todas as formas de leitura desenvolvem o domínio da linguagem através das formas narrativas, poéticas de dramáticas do discurso literário.

Desde que, seja inserido naturalmente e de forma estimulante, através do hábito de estar em contato com as formas literárias, através da leitura de textos diversos, o leitor desenvolverá o domínio da linguagem e das formas literárias que se apresentam nos textos. Justificando esse pensamento nas palavras de Colomer (2017):

As crianças imersas em um contexto literário estimulante progridem muito mais rapidamente: na familiarização com as diferentes possibilidades de estruturar uma narrativa ou alguns versos, nas expectativas sobre o que se espera dos diferentes tipos de personagens, na existência de regras próprias de gêneros narrativos ou poéticos determinados, no leque de figuras retóricas disponíveis etc. (COLOMER, 2017, p. 29)

A terceira função da literatura infantil e juvenil diz respeito a socialização cultural que podemos deixar a cargo do próprio livro, mais precisamente da própria literatura infantil e juvenil que, condizente com a responsabilidade apoiada sobre si mesma, demarca os traços da sociedade, através da interpretação da leitura tanto a

criança como o jovem desenvolverão a habilidade de perceber como sua sociedade funciona, as características que a define, o que pode ou não ser imitado e o que deve ser descartado, funcionando assim como instrumento de socialização. Como define Colomer (2017):

As histórias infantis e juvenis podem ajudar a construir a própria identidade, mas o sentido e o alcance em que o fazem dependem do significado que lhes atribui cada leitor segundo a ressonância individual produzida pela obra na relação com sua personalidade e sua experiência social e literária. (COLOMER, 2017, p.74)

Necessitamos de obras que nos representem. Isso porque a finalidade da literatura implica também em representar um espelho no qual somos refletidos, Tzvetan Todorov (2007), sugere em suas palavras:

a obra literária produz um tremor de sentido, põe em movimento nosso aparato de interpretação simbólica, desperta nossas capacidades de associação e provoca um movimento de ondas de choque que se prolongam muito tempo depois do contato inicial. (TODOROV, 2009, p.78)

A literatura provoca uma mudança significativa na forma pela qual observamos o mundo e o interpretamos, para Todorov, a obra literária desperta a capacidade de fazer uma comparação com o real, causando no leitor o despertar de sentimentos e emoções.

### **3 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS: DESCORTINANDO O IMAGINÁRIO**

As características dos contos de fadas estão presentes na maior parte das narrativas produzidas para o público infantil e juvenil nos dias atuais, sendo essas características: os obstáculos a serem vencidos e as problemáticas existenciais como: a morte, a sexualidade, a separação, o amor, o preconceito, entre outros temas sempre existentes na vida humana que, em um momento anterior a esse em que vivemos, não eram frequentemente explorados pelos escritores que se dedicavam a produzir obras para um público em formação.

A necessidade de mudança das características da narrativa para crianças e jovens se dá a partir de um momento em que a informação é produzida em um

espaço menor de tempo, e perpetuada de forma muito mais amplificada através de mídias e evoluções tecnológicas que vem surgindo no decorrer das últimas décadas.

A recriação dos contos de fadas sob uma nova perspectiva tem sido a marca de grande parte das produções destinadas ao público infantil e juvenil, principalmente pela motivação de que os contos de fadas cumprem a função apresentada por Colomer (2017) a autora diz que, a literatura para crianças e jovens é uma representação do mundo que serve como objeto de socialização das novas gerações.

É a partir desse pensamento que podemos defender a ideia de que o modelo de criação e recriação de histórias são eficazes, pelo envolvimento e espelhamento do leitor em relação aos personagens, agora configurados a sentir os dramas da vida contemporânea, porém, com a sensibilidade e inocência dos personagens já conhecidos, desenvolvendo assim no leitor o sentimento de empatia, como afirma Colomer(2017), “as pessoas utilizam personagens ou mitos para melhorar sua maneira de verbalizar e dar forma a seus próprios sonhos e perspectivas sobre o mundo”. (COLOMER, 2017, p.21)

As retomadas dos modelos tradicionais, como o conto de fadas, na literatura aparecem como uma ponte para as literaturas novas e as antigas, reescrevendo uma narrativa já conhecida e compartilhada no mundo da leitura, com reflexos da sociedade atual, vejamos o pensamento de Zilberman (2014),

Entre 1975 e 1985, apareceram livros que se valem de personagens similares, como fadas, bruxas, madrastas, príncipes e moças pobres, para discutir temas contemporâneos que interessariam as crianças brasileiras, dentro e fora da escola ou em família. (ZILBERMAN, 2014, p. 57)

Os modelos tradicionais já consolidados buscam resgatar uma fórmula que comprovadamente chama a atenção do leitor, ao mesmo tempo em que usa a similaridade de personagens tipo, inserem na história um espaço, uma trama, entre outros elementos, que seja contemporânea tornando a leitura representativa em seu aspecto mais real, pois, transmite através da narrativa uma vivência muito mais aproximada com a vida do leitor, um espelhamento entre leitor e personagem e a transmissão de valores sociais.

É importante perceber que as narrativas para crianças e jovens não perde o aspecto didático quando diz respeito a representar o mundo de forma

compreensível. Para cada fase de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que esse aspecto é superado pela ideia de que a literatura é antes de tudo arte e um meio pelo qual podemos nos expressar e criar.

### 3.1 A PERSONAGEM FEMININA NAS NARRATIVAS INFANTIS E JUVENIS

Contida nos modelos tradicionais está a personagem feminina, que passa por mudanças conforme a sociedade evolui até o momento que conhecemos como atualidade. Diferentemente do tradicional, no texto contemporâneo, a mulher não está à espera do seu príncipe encantado, ela protagoniza a história de forma mais independente, e não por modelos nos quais estão condicionadas a seguir regras impostas como forma de conte-las.

A literatura ajuda a estabelecer assim uma mudança na visão da sociedade, mais precisamente do leitor atento, que percebe essas mudanças, pois conforme o amadurecimento em relação a leitura se dá de forma natural o leitor acaba por notar características que definem o comportamento dos personagens e suas eventuais mudanças.

As narrativas contemporâneas trazem em seus discursos uma ideologia fortíssima, a qual questiona a sociedade diante de seus posicionamentos, agindo como um meio pelo qual pode-se modificar de forma construtiva a visão do leitor sobre seu espaço e sua importância como integrante social.

Hoje, podemos contar com modelos de obras que abrangem a leitura de meninos e meninas sem destinação específica para cada gênero como acontecia há décadas atrás como nos mostra Colomer (2017):

Em décadas anteriores, os livros infantis se dividiam, em livros para meninos e livros para meninas, qualquer leitor sabia por exemplo, que as obras de Júlio Verne estavam destinadas aos meninos e que *mulherzinhas*, de Louise May Alcott, ao contrário, era um livro para meninas... (COLOMER, 2017, p. 63)

Na perspectiva de mudança social, existe também a mudança em relação ao posicionamento que cada membro tem diante da sociedade, a ascensão da burguesia trouxe um novo olhar para as crianças no século XVII, já a partir do século XX o olhar se volta para a mulher e a discriminação de seu gênero contido nos livros

infantis e em outras literaturas, claramente são marcas de uma sociedade sexista e patriarcal.

Em pleno século XXI, quebram-se padrões de comportamento, sobre os quais destacam-se a forma como as mulheres tinham que se comportar no passado, e como estavam condicionadas a esperar serem salvas por um herói ou príncipe encantado, diferentemente dessas narrativas, percebemos nas narrativas atuais uma mulher independente, que busca e luta por seus objetivos, além de outras características que antes só eram atribuídas aos homens, a respeito dessas mudanças, Colomer(2017) afirma:

Tanto na modificação do folclore, como em novas obras, não se pode negar que a literatura moderna se esforçou para ampliar os valores atribuídos a cada gênero, defender o direito à diferença individual das pessoas e oferecer uma divisão mais equilibrada dos papéis sociais. (COLOMER, 2017, p.65)

As mudanças encontradas nas narrativas modernas demonstram como a sociedade atual quer ser representada por meio da similaridade com histórias reais, da reconstrução de pensamento e do posicionamento de cada indivíduo em relação ao papel social anteriormente estabelecido, as narrativas assim permitem ao leitor reconhecer o contexto social do qual ele faz parte.

Na perspectiva do leitor, existe a necessidade de representação ou identificação com o personagem, segundo a concepção de personagem a nós dada por Coelho (2000) “é uma espécie de amplificação ou síntese de todas as possibilidades de existência permitidas ao homem ou a condição humana” (COELHO, 2000, p.74). Esse aspecto é um dos mais relevantes na literatura, a projeção que o leitor faz de si mesmo observando as características de um personagem.

### **3.2 FASES DE AMADURECIMENTO DO LEITOR**

Em Literatura Infantil, de Coelho (2000), encontramos uma definição de criança para literatura tradicional na qual a criança é considerada um adulto em miniatura e a infância um período de imaturidade devendo ser diminuído o mais rápido possível, o que justifica uma literatura exemplar, demonstrativa de atitudes consideradas apropriadamente adultas, em contraposição, temos a literatura

contemporânea denominada de nova, na qual a criança é considerada um ser em potencial de desenvolvimento em liberdade, sendo orientada a fim de alcançar amadurecimento.

São dois conceitos apresentados por Coelho (2000) nas literaturas tradicional e contemporânea que merecem atenção, haja vista, o mundo de transformações e evoluções no qual vivemos e compartilhamos, essas mudanças na literatura infantil acontecem e se modificam desde o seu surgimento, quando a criança passa a representar um novo papel na sociedade.

Existe uma real necessidade humana de representar experiências, transformando-as em um registro acessível, a literatura funciona dessa forma, evoluindo e adaptando-se com o passar do tempo, para continuar exercendo seu papel de arte formadora e transformadora, sendo a mais eficaz forma de perceber e aprender sobre a humanidade.

Seguindo uma linha de desenvolvimento natural, com as evoluções tecnológicas, informações em tempo real, mídias de influências de comportamentos, a literatura sobrevive e também amadurece. Anteriormente, se a literatura era a maior responsável por influenciar na formação de consciência de mundo da criança e do jovem, hoje ela permanece eficiente nesse quesito e ganha representatividade real, aproximando o leitor e o envolvendo na semelhança com a realidade.

Como dito anteriormente, é necessário que a criança tenha contato com a leitura nos primeiros anos de sua infância, criando assim um laço que passará a ser fortalecido com o passar do tempo e o descobrimento de novas histórias, quando dispuser de autonomia para leituras autônomas, adquirindo assim formas distintas para representar o mundo do qual fazemos parte.

Dessa forma, se faz necessário que cada literatura esteja de acordo com o desenvolvimento intelectual da criança, e não apenas de acordo com a idade, pois a interpretação que a criança tem daquilo que ler ou escuta depende de fatores que estão ligados a sua criação, como exemplos de leitores na sua casa: o pai, a mãe, entre outros, e também a fatores sociais, econômicos e culturais, o entendimento e amadurecimento de uma consciência literária se dá quando existe situações propícias para seu acontecimento. Assim como afirma Colomer (2017):

as formas dos livros respondem assim ao que a sociedade acredita que seja compreensível e adequado para as crianças nos diferentes momentos de seu desenvolvimento pessoal e literário. Embora, naturalmente, estas

suposições sociais não sejam estáticas e estejam sempre submetidas a tensões. (COLOMER, 2017, p. 29)

O pensamento de Colomer (2017) nos faz perceber que é perceptível também que não se pode delimitar o que esteja dentro da capacidade de entendimento de uma criança, o que pode resultar em textos cujo conteúdo esteja pautado na simplificação, quando existem diferentes desenvolvimentos pessoais e literários, restringir a literatura em uma divisão que não leve em consideração o desenvolvimento pessoal da criança pode resultar em desinteresse da mesma.

Levando em consideração a presença da literatura no convívio de crianças desde os primeiros anos de vida, podemos relacionar a literatura aos estágios de desenvolvimento psicológicos da criança, apresentado por Coelho (2000) no qual ela descreve de forma distinta cada fase de amadurecimento do leitor, deixando claro que não existe uma regra estabelecida de que estas fases sejam estáticas, podendo claramente sofrer alterações por fatores diversos, determinando assim que essas faixas etárias sejam aproximadas.

Seguindo a divisão de Coelho (2000, p.33), percebemos uma classificação que percorre desde a primeira infância até a leitura autônoma de livros, o pré-leitor: primeira e segunda infância demarca a idade entre os 15 meses até os 3 anos, leitor iniciante a partir dos: 6/7 anos, leitor em processo a partir dos: 8/9 anos, leitor fluente a partir dos: 10/11 anos, leitor crítico a partir dos: 12/13 anos.

Nas narrativas infantis e juvenis, em geral, os personagens são crianças ou jovens, condição importante para que os leitores se identifiquem dentro da leitura. As tramas da narrativa sempre levam a situações comuns, desenvolvendo o imaginário através da imitação do real.

As linguagens das narrativas tendem a ser mais espontâneas, assim como o raciocínio das crianças e jovens em seus desenvolvimentos emocionais, os personagens são descritos com características que provocam no leitor um sentimento de empatia, envolvendo-o na trama e fazendo se sentir parte da história pela similaridade com o mundo em que vive, como aponta Colomer (2017) a respeito:

As histórias infantis e juvenis podem ajudar a construir a própria identidade, mas o sentido e o alcance em que o fazem dependem do significado que lhes atribuem cada leitor segundo a ressonância individual produzida pela

obra na relação com sua personalidade e sua experiência social e literária. (COLOMER, 2017, p. 74)

Como afirma Colomer (2017), o desenvolvimento pessoal através da leitura acontece de forma individual, ou seja, cada pessoa tem uma experiência distinta em relação ao contato com as narrativas infantis e juvenis, algumas narrativas marcam a vida do leitor e podem mudar sua perspectiva em relação ao mundo.

#### **4. MARIA E SUAS MEMÓRIAS DE VIVÊNCIAS EM “CORDA BAMBA”**

##### **4.1 BREVE BIOGRAFIA DE LYGIA BOJUNGA NUNES**

O Brasil conta com inúmeros escritores que se dedicam a escrever para um público infantil e juvenil, muitos desses autores ganham muito destaque com suas publicações e são ganhadores de muitos prêmios da literatura infantil e juvenil, um nome que merece destaque entre essas autores é Lygia Bojunga não só pelos prêmios importantes como Astrid Lindgren Memorial Award da Suécia, ou o Prêmio Hans Christian Andersen da Dinamarca, mais por sua produção literária ser pautada em questões sociais baseadas na realidade, suas obras são escritas com uma leveza extraordinária.

Lygia Bojunga Nunes nasceu no Rio Grande do Sul na cidade de Pelotas, no dia 26 de agosto de 1932, a partir de 1951 torna-se atriz atuando em teatro e rádio, publica seu primeiro livro em 1972, “Os colegas” uma fábula que traz a aventura de cinco animais: três cachorros, um urso e um coelho, iniciando uma trajetória de produções dedicadas ao público infantil e juvenil, com temas como morte, carência afetiva, superação de traumas, preconceito, medo, entre outros temas tão comuns e ao mesmo tempo escassos em literaturas no universo de crianças e jovens.

Lygia Bojunga produz uma literatura infantil e juvenil com características marcantes, descrevendo o universo da criança pelo seu próprio olhar de criança, sua linguagem é simples e cheia de significados, assemelhando-se a narrativa oral, talvez sendo resquícios de seus monólogos como atriz, a sua narrativa percorre a linha entre a fantasia e a realidade o que faz com que suas obras sejam leves e prendam a atenção do leitor.

Com a produção de vinte e três livros infanto-juvenis em um espaço de tempo de mais de 40 anos Lygia Bojunga é um nome de referência para literatura infantil e juvenil, principalmente por suas obras permanecerem atuais em seus temas, sendo tratados de uma forma sensível, as obras com maior destaque são: *A bolsa amarela* (1976), *A Casa da Madrinha* (1987), e *Corda bamba* (1979). Essas obras procuram na fantasia uma estratégia dos seus personagens para fuga da realidade, o meio pelo qual eles buscam através da imaginação uma linha de escape para suas frustrações, representando situações humanas com problemas presentes na realidade.

#### **4.2 RESUMO DA OBRA “CORDA BAMBA” (1979)**

*Corda bamba* (1979), narra a história de Maria uma menina de dez anos, que foi criada em um ambiente circense, Márcia sua mãe, pertencia a uma família rica, enquanto seu pai Marcelo, era de família pobre de origem circense. O romance dos pais de Maria não agradou a mãe de Márcia, Dona Maria Cecília que acreditava que o dinheiro era mais importante que o amor, o egoísmo de Dona Maria Cecília só gerou acontecimentos tristes na vida de sua família.

O livro dá início a história contando sobre a vida de Maria quando ela chega na casa se sua avó materna, depois de passado um mês da morte de seus pais. Maria até aquele momento não falava, só ficava quieta num canto, apenas tinha um ar de quem está pensando muito em alguma coisa, querendo lembrar de algo, os amigos: Barbuda e Foguinho contaram a sua avó sobre o comportamento da menina desde a perda de seus pais, o silêncio de Maria não foi levado em consideração por Dona Maria Cecília.

Depois de presenciar a morte de seus pais, Maria demonstrava sinais de ter amnesia retrógada, um tipo de amnesia adquirida inconscientemente para fugir da dor que seria lidar com a lembrança de ver sua mãe e seu pai caindo da corda bamba sem rede de proteção, fato que pôs fim a vida dos dois. Pinto (1998) explica a respeito da perda de memórias em relação ao emocional:

A relação entre emoção e memória é complexa. Para certos valores de intensidade emocional, as pessoas revelam uma boa memória para situações emocionais vividas no passado; Para valores de intensidade elevados ou extremos, a experiência emocional pode dar origem a amnésias funcionais, repressão ou dissociação; ... Dentro de certos

parâmetros, a emoção é um factor facilitador da memória, mas não garante uma recordação perfeita nem isenta de erros. (PINTO, 1998, p.16)

Desde muito cedo, Maria já dava sinais que seguiria os passos do pai, se tornando uma equilibrista, quando estava na corda bamba se desligava do mundo, dos traumas que já vivenciou, e demonstra ser uma equilibrista não só na corda, mas também em relação a sua vida, se desprende da introspecção que demonstra desde a perda dos seus pais, estando feliz por estar fazendo o que ama, se equilibrar. O que é demonstrado no trecho: "Barbuda e Foginho se olharam: era a primeira vez, naquele mês, que Maria fazia uma brincadeira, sempre tão séria, pensando tanto. Mas era também a primeira vez, naquele mês, que Maria andava na corda." (BOJUNGA, 2009, p.20)

#### **4.3 A RECONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS DE MARIA E A INFLUÊNCIA DAS CORES NAS SUAS MEMÓRIAS**

A memória é algo fundamental para todo ser vivo, ela faz com que as tarefas que devemos fazer diariamente sejam cumpridas com mais facilidade, além de armazenar sentimentos, emoções e experiências, resgatamos tudo o que está guardado nas memórias quando é necessário, como andar de bicicleta, dirigir ou simplesmente ler. Nosso cérebro armazena tudo o que é importante e imprescindível a vida, o que Pinto (1998) explica da seguinte forma:

Enquanto contexto, o estado emocional pode ter um efeito significativo na memória. Mantendo ou mudando o contexto em que a aprendizagem ocorre, a recordação pode ser melhor ou pior. É do senso comum afirmar que os apaixonados veem o mundo com óculos cor de rosa. De facto um estado emocional alegre, feliz e eufórico faz recordar mais facilmente situações favoráveis do que situações desfavoráveis. O inverso também ocorre, quando pessoas tristes e deprimidas recordam mais facilmente fracassos e insucessos passados. (PINTO, 1998, p.9)

Assim acontece com as memórias de Maria em "Corda bamba", a reconstrução das suas memórias acontece por uma necessidade de reconexão com sua própria vida. Por essa razão a reconstrução das suas memórias torna-se algo que precisa acontecer para seu desenvolvimento como pessoa. Essa característica é de grande relevância quando percebemos a proximidade que existe com nossa

realidade, também por apresentar ao leitor uma visão de mundo com elementos que ele reconhece.

Vale ressaltar que por mais carregado de emoção que seja um evento, nunca seremos capazes de nos lembrar de todos os detalhes. Mesmo as "melhores" memórias não são perfeitas, há sempre algum grau de perda durante o processo de consolidação. Assim, outra peculiaridade das memórias de longa duração é seu caráter não estável. Além das perdas que ocorrem logo durante o processo de consolidação, toda vez que evocamos uma memória, modificamos mais ainda essa mesma memória. (MOURÃO JUNIOR e FARIA, 2015, p.785)

Por esse motivo, falamos em reconstrução de memórias, Maria até então é uma criança que passa por um processo de amadurecimento emocional muito delicado, cheio de perdas e frustrações, diante dessa perspectiva existe a necessidade de reconectar-se com suas lembranças mais dolorosas e superá-las.

A corda que Maria usa para equilibrar-se é o elemento que representa sua postura diante de todos os acontecimentos em sua vida, o equilíbrio que ela demonstra em cima da corda assemelha-se ao equilíbrio emocional que busca no processo de reconstrução de suas memórias.

Suas memórias são reconstruídas à medida que ela atravessa a corda bamba das suas emoções, a reconstrução dessas memórias se dá pela abertura de portas em sua mente, aos poucos Maria encontra o equilíbrio de seus pensamentos com suas memórias, chegando a um corredor com seis portas de cores diferentes: vermelho, branco, amarelo, cinzento, azul, e por último, várias cores juntas em uma só porta.

As portas são símbolos de passagem, que marcam a experiência de retomada do equilíbrio emocional, as portas são o acesso ao desconhecido que precisa ser revisitado por Maria em suas memórias bloqueadas pelos traumas.

As cores podem estar ligadas a sentimentos guardados ou emoções vivenciadas em algum momento por Maria, as portas de diferentes cores apresentam um simbolismo na reconstrução das memórias de vida de Maria, para Heller (2013): "...cores e sentimentos não se combinam ao acaso nem são uma questão de gosto individual – são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento." (Heller, 2013, p. 18).

As cores presentes na vida de Maria são marcantes, no ambiente dos espetáculos do circo e as apresentações dos artistas circenses serem bastante

coloridos, ela se apresentava com seus pais na corda bamba, suas roupas deviam apresentar muitas cores, além do arco com flores coloridas que usava para ajudar no equilíbrio da corda. As cores das portas de sua mente remetiam a sua vida e suas experiências.

Dessa forma, as memórias de Maria estão guardadas dentro de portas pelas quais ela tem acesso depois de percorrer a corda bamba e chegar em um corredor imaginário, não é uma tarefa fácil chegar até essas memórias, pois, o caminho apresenta o obstáculo do equilíbrio emocional, a ser superado por Maria o tempo todo.

O simbolismo representado nas cores das portas do corredor imaginário de Maria, está diretamente ligado as suas emoções e de tudo que vivenciou até ali, Inácio (2010) afirma que:

As preferências de determinadas cores em vez de outras, por parte de um indivíduo, relaciona-se com a sua personalidade, grupo social em que está inserido, pela idade e sexo do mesmo, e também, sobretudo devido às experiências pessoais vividas que ficam marcadas para sempre no seu subconsciente, que são associadas a certas cores, através das sensações de agrado e desagrado que essas experiências causaram. (INÁCIO, 2010, p. 20)

Em um primeiro momento quando Maria entra em contato com suas memórias podemos perceber que as portas coloridas são barreiras que ela criou para não estar em contato imediato com todas as memórias, que lhe causavam sofrimento. Nesse trecho da narrativa é demonstrado que Maria não reconhecia o lugar no qual estava em sua mente:

Era um corredor comprido com seis portas fechadas. E cada porta de uma cor. O corredor estava vazio; sem sinal da moça e do pintor. E um silêncio que só vendo. Maria ficou olhando pras portas, achando que era melhor voltar pra casa. Mas, em vez de ir embora, se agarrou na beirada da janela, impulsionou o corpo e pulou pra dentro do corredor. (BOJUNGA, 2009, p. 82)

A primeira porta do corredor imaginário das memórias de Maria é vermelha, a porta vermelha guarda a lembrança mais dolorosa para Maria, o momento em que ela vê seus pais caindo da corda sem rede de proteção, depois desse acidente que tirou a vida dos dois, Maria não consegue exteriorizar nenhum tipo de sentimento, ela apenas não fala nada, como não se recordasse de tudo que presenciou.

A porta que apresenta a cor vermelha pode significar na visão de Maria o sangue, que remete a perda e a dor presenciada no momento de perda do seus

pais, ou mesmo a ligação extrema de amor que sentia para com seus pais. Segundo Heller (2013): “O simbolismo do vermelho está marcado por duas vivências elementares: o vermelho é o fogo e o vermelho é o sangue. Em muitas línguas, entre os babilônios e também entre os esquimós, a tradução ao pé da letra de “vermelho” é “sangue”.” (HELLER, 2013, p.101)

Dentro da porta vermelha está a memória que Maria não consegue reconstruir de imediato, ela guarda momentos de lembranças de seus pais, em um primeiro momento o acesso ao que ela guarda dentro dessa porta é através apenas de ouvir o que acontece por trás da porta fechada, ela escuta as conversas que seus pais têm em relação a vida dos dois antes e depois de seu nascimento, também o que acontece depois de seu rapto: “Parou de frente a porta vermelha, que medo de abrir! Mas também que vontade que tinha de ver o que tinha lá dentro. Rodou a maçaneta devagar; forçou a porta com o joelho, não adiantou: a porta estava trancada.” (BOJUNGA, 2009, p. 83)

Quando Maria não consegue abrir a porta vermelha, ela olha para a porta branca que logo abre para ver o que está dentro dela. Nesse momento podemos perceber que Maria precisa entender o que aconteceu em sua vida, vejamos isso textualmente: “Olhou para a porta branca, será que estava trancada também? Foi andando devagar pra ver se o medo ia passando; experimentou a maçaneta de leve; e tomou um susto quando viu a porta abrir.” (BOJUNGA, 2009, p. 83)

Segundo Heller (2013) o branco representa, entre outras coisas o vazio, a visão do que está dentro da porta branca também se espelha no que Maria vivência na casa de sua avó, como os retratos dos ex-maridos de dona Maria Cecilia, ou anteriormente ao seu nascimento. A porta branca representa para Maria a falta das suas memórias e o início da reconstrução de tudo que viveu sob as perspectivas de ou outros personagens, ou seja de tudo que foi contado por pessoas do seu convívio, como explica Heller (2000) a respeito do branco:

*Album* significa “branco” em latim, e um álbum é originalmente um livro branco, vazio, que será preenchido com fotos e recordações da pessoa. Em sentido figurado, o vazio se associa à ausência de sentimentos; o branco, ao lado do cinza, é a cor da ausência de sentimentos. Até o branco cintilante é frio, como cor.

O branco é também a cor do desconhecido. Em mapas antigos, os espaços brancos correspondiam a regiões inexploradas. Em linguagem polida, uma “mancha branca” significa uma lacuna de conhecimento. (HELLER, 2013, p. 315)

A porta branca é um território desconhecido para Maria, em que suas memórias são reconstruídas também com sua imaginação, de tudo que ela escutou dos seus pais, da sua avó e de seus amigos circenses, ela recria os acontecimentos de sua vida e da vida de seus pais pelas memórias que consegue alcançar através das suas vivências.

Maria segue abrindo cada porta que consegue destrancar ao longo do corredor da sua imaginação, as memórias de Maria são reconstruídas para que ela consiga estabelecer laços com as pessoas que estão presentes em sua vida, ajudando no seu desenvolvimento pessoal e emocional, vejamos a explicação de Nunes e Marrone (2002):

As funções de memória fornecem a base de informações que contextualiza um indivíduo no seu tempo e lugar, conferem-lhe uma identidade única, forjada no conjunto de suas experiências passadas, organizam a evocação de fatos relevantes para sua identidade cultural. Além disso, permitem que a evocação consciente (ou pré-consciente) de fatos e experiências passadas moldem condutas e decisões no presente, com repercussão no seu futuro. (NUNES e MARRONE, 2002, p. 260)

Maria continua abrindo as portas das suas memórias, a segunda porta a ser aberta é a amarela: “Maria se virou pra sair; o olho bateu na porta amarela. Veio uma vontade tão grande de ver o que é que tinha lá dentro que Maria não resistiu: saiu correndo e abriu a porta.” (BOJUNGA, 2009, p. 91). Existe a partir desse momento uma evolução em como Maria consegue enxergar suas emoções, pois a partir da abertura da porta amarela ela ganha uma certa autonomia para reconstruir suas memórias. Vejamos os significados da cor amarela na perspectiva de Heller(2013):

O amarelo é a cor da maturidade, idade idealizada como dourada: espigas douradas, frutos dourados, folhas douradas, outono dourado. Se juntarmos maçãs ou peras verdes com outras, amarelas, e convidarmos alguém a pegar as mais maduras, as que estarão mais doces, todos irão escolher as amarelas. (HELLER, 2013, 158)

A partir da abertura da porta amarela, Maria percebe a presença de sentimentos que a iluminam para continuidade a sua jornada, ela percebe a felicidade dos seus pais em tê-la como filha, e como eram felizes juntos, nesse momento ela percebe que faz parte da história se sentindo feliz e ao mesmo tempo com medo pela responsabilidade de amadurecer.

Nesse momento da narrativa, Maria começa de fato a resgatar as emoções que estavam guardadas em suas memórias, o trauma de estar longe dos pais durante mais de dois anos é lembrado e a lembrança desse momento é reconstruída a partir do momento em que ela abre uma nova porta, a porta cinzenta. Vejamos esta menção: “O barulho vinha da porta cinzenta. Andou pra porta sentindo o cheiro de circo e uma alegria danada de ver o barulho chegando. Mas quando ia abrir a porta o barulho parou.” (BOJUNGA, 2009, p. 97).

A porta cinzenta guarda o momento de lembrança em que a avó de Maria a sequestra, tirando ela do convívio de seus pais no circo e a levando para uma vida diferente da qual ela conhecia, uma vida de luxos e solidão na qual ela sentia falta do amor de seus pais, da atmosfera do circo, e da simplicidade e do convívio com seus amigos. Heller (2013) define o cinza como: “é a cor de todas as adversidades que destroem a alegria de viver. Os dias de carnaval terminam com quarta-feira de cinzas. Nesse dia o sacerdote traça, com cinzas, uma cruz na fronte do penitente.” (HELLER, 2013, p.499)

Em relação ao momento em que a vida de Maria começa a ser diferente e perde o significado de felicidade real, a reconstrução dessa memória envolve o tempo em que ela permaneceu ao lado da sua avó, a porta cinzenta representa nesse momento a perda de alegria na vida da menina.

Os dias mais tristes são aqueles em que o sol está encoberto por densas nuvens cinzentas, foi assim para Maria até ela abrir uma nova porta, a porta azul. Vejamos à cena correspondente a abertura da porta azul: “Pulou pro corredor. Mas chovia tanto lá dentro que só dava pra ver a primeira porta: azul. Bateu o medo que sempre batia na hora de abrir uma porta. Mas Maria abriu; entrou; e lá dentro a chuva apertou.” (BOJUNGA, 2009, p. 126)

Além da porta azul, podemos observar nesse momento da reconstrução das memórias de Maria, que ela finalmente consegue alcançar a direção de suas emoções, a chuva como elemento simbólico remete a ideia de choro, o choro pela emoção de reencontrar sua mãe e retomar sua vida no circo ao lado de sua família e dos seus amigos. Para Heller (2013): O azul é plácido, passivo, introvertido. (HELLER, 2013, p.60)

Finalmente Maria alcança a porta vermelha que guarda sua memória mais dolorosa, a porta vermelha guarda a lembrança mais dolorosa para Maria, o momento em que ela vê seus pais caindo da corda sem rede de proteção, depois

desse acidente que tirou a vida dos dois Maria não consegue exteriorizar nenhum tipo de sentimento, ela apenas não fala nada, como não se recordasse de tudo que presenciou. Vejamos:

De repente, maria começou a lembrar do resto todo. Correu pro corredor, jurava! era capaz de jurar que a porta vermelha não estava mais trancada. A afobação foi tão grande que foi até maior que o medo, e Maria nem parou pra escutar: meteu a mão na maçaneta: dito e feito... (BOJUNGA, 2009, p. 130)

A porta que apresenta a cor vermelha pode significar na visão de Maria o sangue, que remete a perda e a dor presenciada no momento de perda do seus pais, ou mesmo a ligação extrema de amor que sentia para com seus pais. Segundo Heller (2013): “O simbolismo do vermelho está marcado por duas vivências elementares: o vermelho é o fogo e o vermelho é o sangue. Em muitas línguas, entre os babilônios e também entre os esquimós, a tradução ao pé da letra de “vermelho” é “sangue”. ” (HELLER, 2013, p.101)

A partir do momento que Maria consegue reconstruir sua memória mais dolorosa ela retoma sua personalidade, resgata sua vontade de viver e aprende a conviver com tudo o que aconteceu em sua vida, nesse momento é a hora de abrir novas portas e construir novas memórias.

ué!! que porta nova era aquela?  
Era uma porta diferente de tamanho e de feitio, diferente de pintura também: parecia que estavam experimentando cor: tinha uma porção de pinceladas, cada uma de uma tinta.  
Maria abriu a porta bem de leve e bem devagar. Mas sem medo.  
Era um quarto vazio. (BOJUNGA, 2009, p. 142)

Reconstruindo suas memórias e superando seus traumas, Maria segue agora numa nova perspectiva, criando seu próprio caminho e sonhando com as suas novas vivências, Maria aos poucos alcança e permanece em equilíbrio emocional, buscando na Corda bamba das emoções uma direção, o caminho da sua felicidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho busca evidenciar a importância da literatura infantil e juvenil como porta de entrada ao acesso imaginário, representação de mundo e além de tudo nos permitir conhecer a fantasia e reconhecer o real através da narrativa. Atualmente a leitura de narrativas que despertem resiliência se faz cada vez mais necessária em todos os momentos na vida do leitor.

Se a literatura infantil e juvenil surge da necessidade de educar e orientar, ela continua a cumprir esse papel tão importante em nossa sociedade, principalmente com autores como Lygia Bojunga, que trabalham temas que dão ênfase a relações afetivas, buscam despertar o sentimentalismo humanitário, e utiliza uma linguagem simples que encanta com leveza e ao mesmo tempo é tão cheia de simbologia.

Corda bamba apresenta uma narrativa com semelhanças a realidade, através de sua personagem principal podemos perceber uma menina que encontra um caminho de reconstrução das suas memórias, nessas memórias estão guardados os seus traumas mais profundos, cada porta aberta em sua mente é um passo em busca do seu próprio equilíbrio na vida. Maria (protagonista) é uma personagem extremamente interessante, atravessando o corredor imaginário de seus medos, no qual estão suas lembranças mais tristes, sendo um desafio abrir cada porta de sua imaginação para conseguir seguir em frente.

Na narrativa de Corda Bamba percebemos o quanto é importante reconstruir todas as memórias que são dolorosas, pois somos construídos por todas as experiências que vivemos, podemos perceber também que devemos olhar para dentro das portas que deixamos trancadas para conseguir o equilíbrio emocional, e que podemos viver aquilo que idealizamos como felicidade.

Esperamos despertar o interesse de pesquisas relacionadas a literatura infantil e juvenil, já que essa literatura abre portas no mundo literário para jovens leitores, que também desperte a curiosidade de conhecer obras como Corda Bamba.

## Referências

- BOJUNGA, Lygia . Corda Bamba. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga LTDA 24 ed, 2009.
- COELHO, Nelly Novais. Literatura infantil: Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. Introdução a literatura infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2017.
- HELLER, Eva, A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão. Tradução Maria Lucia Lopes da Silva, São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- INÁCIO, Vânia da Conceição Gaudêncio. Cor e Emoção Relação entre Cores do Vestuário e as Emoções atribuídas às Cores. Covilhã: UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR Ciências e Tecnologia Têxteis, 2010.
- LAJOLO , Marisa; Zilberman, Regina. Literatura infantil brasileira história e histórias. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. PROCESSOS PSICOLÓGICOS BÁSICOS: Memória. Minas Gerais: *Print version* ISSN 0102-7972 *On-line version* ISSN 1678-7153, 2015.
- NUNES, Magda Lahorge; MARRONE, Antonio Carlos Huf. Semiologia Neurológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PINTO, Amâncio da Costa. O impacto das emoções na memória: Alguns temas em análise. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2(2), 215-240]. Morada: Faculdade de Psicologia, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: Diefel, 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3738693/mod\\_resource/content/1/Todoro\\_v\\_A%2Bliteratura%2Bem%2Bperigo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3738693/mod_resource/content/1/Todoro_v_A%2Bliteratura%2Bem%2Bperigo.pdf) . Acessado em 16/05/2019 às 16:40 min.